

PUBLICIZAÇÃO DO PROJETO CARTOGRAFIAS AFETIVAS DOS RIOS DE SÃO CARLOS

Bárbara Thaís Abreu dos Santos (IFSP São Carlos)
barbara.abreu@ifsp.edu.br

Resumo:

O objetivo deste texto é realizar a publicização de um projeto transdisciplinar que começa a ser realizado no Instituto Federal de São Paulo. O projeto surge através da necessidade de nos voltarmos para tratar alguns temas de forma integrada, e não separada em disciplinas. O meio ambiente, além de assunto urgente e necessário, aparece como um ótimo convite para iniciar um projeto que ultrapasse a aprendizagem no sentido tradicional escolar e convide os alunos a aprenderem melhor seu lugar e sua relação de pertencimento à cidade e às suas histórias. Seguindo o exemplo de Krenak em sua Saudação aos Rios, o projeto lança um chamado aos participantes, incentivando-os a retomar um sentido mais profundo e a estimular uma percepção simbólica por meio das veias dos rios da cidade de São Carlos.

Palavras-chave: Cartografia; Pertencimento; Ancestralidade.

1. Introdução

Não foi uma ou duas vezes que Nego Bispo (CARDOSO, 2020) nos convidou a olhar para o que ele vai chamar dessa nova doença que nos acomete: a Cosmofobia. Essa, que nas palavras dele, “[...] é uma doença do povo colonialista e tem como um dos seus principais sintomas o medo do sagrado”. (CARDOSO, 2020, n.p.). O brasileiro, se não padece integralmente dessa doença, por tamanha vontade de negar sua própria ancestralidade e sua cara, se esforça bastante para o fazer.

Olhar para a relação com a originalidade parece ser um termômetro de fácil medida sobre esse movimento, outro já não tão claro é o de olhar para as cidades - que parecem superficiais e fadadas a nascerem já em um estado terminal dessa doença. Todavia, uma cidade não se constrói do nada, é através da herança do fazer e organizar cosmologicamente no espaço uma sociedade, que parimos as nossas cidades, que parecem ser pouquíssimo organizadas em torno de uma justificativa simbólica e mitológica de organização.

Assim, um exemplo que podemos destacar de vínculo do sagrado com a cidade, que parece estar encoberto, é a relação da construção da cidade em beiras de rios. Herança brasileira que pode ser vista através de seu lado paterno, colonial, Português (relação com o Tejo, etc.), ou, se quisermos olhar mais de perto, talvez seja a marca de nascença contida em todo membro da família da mãe originária Brasil, na reprodução das organizações ameríndias de construção de comunidades perto/na beira de rios.

Ailton Krenak, no seu livro *Futuro Ancestral* (KRENAK, 2022), nos convida a refletir sobre quais rios sagrados conhecemos e destaca, como de saída, pensarmos em diversos nomes, mas todos eles longe de nós, como Gandhi, por exemplo. Entretanto, ele nos convida a realizar o movimento de olharmos para nós mesmos, dessa perspectiva: partindo do quintal de sua casa, ao chamar a atenção para o Rio Doce, avô de sua etnia - os krenak. Ao fazer esse movimento, nos dá uma primeira dose de tratamento para a doença colonial supracitada e, à vista disso, recorda essa função sagrada, na perspectiva de retornar a capacidade de olhar também a função simbólica que algo assume na organização de sentido de uma sociedade. Essa é também uma das metas do projeto *Cartografias Afetivas dos Rios de São Carlos*.

2. Objetivo

Tornar público o projeto transdisciplinar que foi idealizado para pensar uma cartografia afetiva dos rios de São Carlos. Visamos apresentar o que foi idealizado e realizado até agora, além de discutir possibilidades diante do plano original de execução.

3. Procedimentos e etapas

O projeto se inicia com a leitura conjunta desse texto de Krenak (KRENAK, 2022), como um convite para que todos iniciem o mesmo processo de reflexão acerca da importância dos rios como veias, que passam e garantem a vida na construção das cidades. Como um movimento de reivindicação para o pertencimento ao local que moram, visamos desenvolver uma investigação acerca dos rios de São Carlos que ultrapasse os interesses estritamente técnicos espaciais e geográficos dessa pesquisa e atravesse uma busca temporal e afetiva, inclusive da construção da história pessoal dos alunos através da retomada de narrativas com seus familiares, vizinhos, sobre vínculos e memórias que os marcaram.

Será através da construção de uma genealogia dos nomes dos rios da cidade que aprenderemos um pouco mais também sobre a mitologia e a história de São Carlos, que quanto mais se desenvolve mais perde contato com essas tradições, que vão morrendo com os mais velhos, e fazendo com que as palavras tenham seus sentidos velados em nomes próprios automatizados.

Ademais, a investigação geográfica espacial também se mostra fundamental para entender como se deu o processo de construção da cidade. Por que alguns rios permanecem à vista, enquanto outros foram cobertos? Qual a proposta de construção de cidade que é feita nas bordas de um rio? Qual a proposta que contém o respeito pela ciclicidade de reconhecer a vida contida nos ciclos naturais próprios desses rios? E, por outro lado, qual a proposta que se coloca, em concreto, à revelia de reconhecer vida ali e sofre as consequências dessa postura, com diversas enchentes e desastres? Uma terceira via ainda aparece para ser investigada: será que se constrói considerando esse fator e depois “oferece”, além do morro, também a borda do rio àqueles que não acessam a cidade como participantes, porque estão abaixo do padrão do centro?

Aqui surge mais uma frente de investigação na qual o projeto pretende se debruçar: fazer o levantamento dos desastres, tragédias e ocorridos que envolvam os rios de São Carlos, além de investigar as soluções já oferecidas para prevenir ou resolver esses problemas.

Outro tema que se destaca para além de como se ocupam (politicamente) os espaços na construção da cidade, é aquele acerca da manutenção e organização tanto do lixo quanto dos descartes em geral de resíduos dessa cidade. Através dessa averiguação, se torna possível compreender, inclusive, muito dos desastres, mas, para além disso, ela nos convida mais uma vez a observar - e agora num *zoom out* - o quanto respeitamos não só de modo utilitarista os rios, mas também sua própria força e poder dentro do ecossistema, que garante o equilíbrio para a existência da vida como conhecemos hoje.

4. Considerações

Se debruçar sobre as modificações e utilização da água como espaço de descarte, tanto focando nos rios de São Carlos, mas também ampliando o campo de análise, nos proporcionará ótimos debates sobre construções de hidrelétricas em espaços tradicionais, sobre as transformações com o passar do tempo de um rio nadável para o conjunto de dejetos que é o Tietê no centro de São Paulo hoje, por exemplo. Também envolve examinar a transformação química que impede a reprodução de peixes em diversos rios de garimpo, assim como as enxurradas de lamas das barragens que se rompem ou estão prestes a estourar. Além das reflexões sobre os efeitos menos diretos como chuvas ácidas, poluição etc.

As diversas frentes de investigação sobre esses temas, que compõem este projeto, serão apresentadas como produtos finais por meio de diversos métodos e formas, que surgirão pela demanda expressada por cada uma das investigações.

5. Referências

CARDOSO, T. M. Entrevista com Antônio Bispo dos Santos. **Coletiva**, abr. 2020. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-emergencia-climatica-n27-entrevista-com-antonio-bispo>. Acesso em: 14 out. 2023.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.